REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

UMA ANÁLISE SOBRE A RELEVÂNCIA DO ESPAÇO COMO PERSONAGEM NA OBRA "O CORTIÇO", DE ALUÍSIO DE AZEVEDO

Felipe Antonio Ferreira da Silva[1]

RESUMO: Este trabalho justifica-se pela importância de ser realizado um estudo aprofundado do espaço na obra "O Cortiço" de Aluísio de Azevedo, sua legibilidade, e personificação perante todo enredo da história, visando à importância do escritor para a literatura brasileira, e também à necessidade de uma análise representativa de um espaço de difícil definição, que ao mesmo tempo em que representa o local físico onde todo o enredo se desenvolve, é subentendido também como um dos protagonistas da história, tendo embasamento teórico em análises, textos e livros elaborados por estudiosos como Massaud Moisés, Antonio Dimas, Amaral, Mikhail Bakhtin, dentre outros que têm como tema central o espaço, propriamente dito, a partir dos quais é trazido a luz, para apreciação do leitor, alguns dos trechos em que o espaço da obra é utilizado de forma a transformá-lo em protagonista da mesma, bem como os meios utilizados pelo o autor para tal, meios esses que transportam o leitor para um mundo único e singelo, rico em alegorias e realidade do então Brasil da época, que elevou a obra "O Cortiço" aos mais altos patamares da nossa literatura, concluindo assim, este trabalho acadêmico, de caráter científico-exploratório.

Palavras-chave: Naturalismo, Realismo, O Cortiço, Espaço, Personificação.

***ABSTRACT**: This work is justified by the importance of make a detailed study of space in the book "O Cortiço" from Aluisio de Azevedo, its readability, and impersonation before any story line, aimed at the importance of the writer for Brazilian literature, and to the need for a representative of an area hard to define, at the same time that represents the physical location where all the plot unfolds, it is understood also as one of the protagonists of the story, and in theoretical analysis, texts and books developed by scholars such as Moses Massaud, Antonio Dimas, Amaral, Mikhail Bakhtin, and others that have as their central theme the space itself, from which is brought to light for consideration of the reader, some of the passages in which the space of work is used in order to transform it into the same protagonist, as well as the means used by the author for this, which means they carry the reader into a world unique and simple, rich in allegory and reality of the time then Brazil, which raised the book "O Cortiço" at the highest levels of our literature, thus completing this academic work, a scientific and exploratory.*

***Keywords**: Naturalism, Realism, The Flophouse, Space, Impersonation.*

[1] Graduado em Letras

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

INTRODUÇÃO

Aluísio Azevedo, nesta obra específica, criou um mundo a partir de descrições detalhadas nas quais o cortiço, além de principal espaço, torna-se também personagem protagonista do romance.

Uma das maiores características de Aluísio, que vemos retratados nesta obra específica, é sua facilidade em unir grupos humanos em um único coletivo, em fazer um retrato analítico de tipos sociais, só que esses tipos apenas manifestam-se como uma "conseqüência" do meio em que vivem, afinal, o grande personagem dessa história é na verdade a soma de tudo, ou seja, o cortiço. Os personagens sofrem influência direta do meio.

Como já citado antes, o cortiço é exposto pelo autor como o protagonista do romance, e Aluísio preocupou-se em caracterizá-lo adequadamente, e fazer sua descrição minuciosa, como qualquer personagem verdadeiramente deveria ser descrito. Prova de tal descrição, é facilmente constatada em um trecho que nos é descrito o amanhecer no cortiço, trecho esse que também será descrito, nas páginas a seguir, com maior profundidade.

A pesquisa terá início com uma exposição da vida de Aluísio de Azevedo, autor do livro, passando então para uma breve explanação acerca dos movimentos aos quais pode ser associada a obra "O Cortiço": o realismo e o naturalismo. Será também discorrido a respeito do espaço na literatura e sua relevância para a mesma. A partir de então, essa pesquisa voltar-se-á fundamentalmente para uma releitura de alguns trechos da obra, sendo esse o passo inicial para a busca de textos referentes ao estudo do espaço, sobretudo o espaço como protagonista. Alguns dos aspectos presentes nos comportamentos das personagens serão levados em conta também, se sofrerem influência pelo presente espaço a ser estudado. A busca pela exemplificação do espaço como personagem é o ponto principal desta pesquisa, que tem como objetivo também uma construção de elos entre os aspectos realistas e naturalistas da obra, sempre se voltando para o espaço em si, que a priori podem confundir-se, mas que possuem peculiaridades que as denotam claramente no decorrer da história.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

1 BIOGRAFIA DE ALUÍSIO AZEVEDO

Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo), nascido na capital São Luís do Maranhão em 14 de Abril de 1857, dentre outras práticas, foi caricaturista, jornalista, escritor e diplomata. É o patrono da cadeira de número 4 da Academia Brasileira de Letras. Simpatizante da Escola Realista é considerado por alguns críticos literários como o introdutor desta corrente literária no Brasil. Crítico ferrenho da sociedade provinciana brasileira e de suas instituições, o romancista Aluísio Azevedo deixou de lado sua formação e tendência romântica em que se formara para tornar-se, influenciado por Eça de Queirós [2] e Émile Zola[3], o criador do naturalismo no Brasil.

Filho de David G. de Azevedo e de D. Emília Amália Pinto de Magalhães e irmão mais moço do escritor Artur Azevedo. Sua mãe casara-se aos 17 anos, porém, o temperamento bruto de seu marido, um comerciante português, acabou com o casamento. Ela então "escondeu-se" na casa de alguns amigos, onde conheceu o vice-cônsul de Portugal, o jovem e já viúvo, David. Ambos passaram a viver juntos, sem, no entanto casar-se, o que foi considerado um terrível escândalo ante a sociedade maranhense.

[2] O mais importante romancista do realismo português. Autor de "O Primo Basílio". Perdurou por muito tempo na obra de diversos autores românticos, deu à frase uma maior simplicidade, mudando a sintaxe e inovando na combinação das palavras. Evitou a retórica tradicional e os lugares comuns, criou novas formas de dizer, introduziu neologismos e, principalmente utilizou o adjetivo de maneira inédita e expressiva. Este novo estilo só teve antecessor em Almeida Garrett e valeu a Eça a acusação de galicismo estabelecendo os fundamentos da prosa moderna da Língua Portuguesa.

[3] Influente escritor francês, tido como o mais importante exemplar da escola naturalista. Também contribuiu influentemente para o desenvolvimento do naturalismo teatral.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

Entre sua infância e adolescência, Aluísio realizou seus estudos em sua cidade natal, onde também teve seus primeiros trabalhos como caixeiro e guarda-livros. Desde cedo já demonstrava grande interesse pelas artes, em especial desenho e pintura, aos quais se dedicou com afinco, o que é provado através das técnicas empregadas posteriormente para caracterizar seus personagens.

No ano de 1876, partiu para o Rio de Janeiro ao encontro de seu irmão mais velho, Arthur e também com o intuito de estudar Belas Artes. Ingressou na Imperial Academia de Belas Artes, atual Escola Nacional de Belas Artes. Para que pudesse viver, desenhava caricaturas para jornais como *O Fígaro*, *Zig-Zag* e *O Mequetrefe*. Inspirado em algumas de suas obras artísticas, começou também a dar seus primeiros passos em romances.

Em 1879, seu pai falece fato que o faz retornar ao Maranhão, onde finalmente começa a escrever. Publica “Uma Lágrima de Mulher”, seu primeiro drama romântico, que apesar de ser comum, atrai a atenção de alguns críticos literários.

No ano de 1881, durante o período em que colaborou para um dos jornais locais, *O Pensador*, lançou à publicação o livro "O Mulato", romance que chocou a sociedade pela forma desnuda e naturalista, revelando a questão racial - tendo ele já se filiado aos abolicionistas.

A obra gerou grande ira na elite branca e católica local, pois descreve as perseguições de um padre inescrupuloso e racista, contra um rapaz de cor mulata, no ambiente da sociedade maranhense. Apesar do grande sucesso da obra por seu caráter naturalista, devido às hostilidades geradas Aluísio de Azevedo decidiu regressar para o Rio de Janeiro, onde já antes estivera como estudante. Passa então a ganhar a vida como escritor.

Era comum na época, os jornais possuírem folhetins, e foi em um desses folhetins que Aluísio começou a mostrar seus romances para a população. No começo, não passavam de obras pequenas, retratando fatos comuns e cotidianos da sociedade, porém, após algum tempo, Aluísio deixou um pouco de lado a parte romântica do cotidiano e começou a analisar e a escrever com mais afinco sobre os agrupamentos humanos, a decadência das casas de pensão e sua exploração pelo imigrante, principalmente o português. A partir de tais análises e inspirações, resultaram duas de suas maiores obras: “Casa de Pensão” - 1884 e “O Cortiço” - 1890. No período

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

abrangente de 1882 a 1895 escreveu diversos romances, crônicas e contos, além de peças de teatro.

Ante a crítica literária[4], sua obra é vista como irregular por diversos críticos, uma vez que oscilava entre obras românticas dramatizadas demais, com interesse comercial e direcionado ao grande público; e outras mais trabalhadas e onde era perceptível seu timbre de grande escritor naturalista.

Aluísio tentou sobreviver unicamente com o ganho de seus escritos, porém, como a vida de escritor não lhe deu o nível social que pretendia ter, abandonou por ora a literatura[5] e ingressou na carreira diplomática.

Atuando como diplomata, seu primeiro posto foi na cidade de Vigo, na Espanha. Depois trabalhou no Japão, na Inglaterra, na Argentina e na Itália. Durante o exercício de sua função, juntou-se a D. Pastora Luquez, que conheceu na Argentina, de quem adotou os dois únicos filhos. Em 1910, foi nomeado cônsul de primeira classe, sendo então transferido para a cidade de Assunção, na Argentina. Logo em seguida foi para Buenos Aires, seu último posto.

Faleceu aos 56 anos, em Buenos Aires, onde foi enterrado. Mas após seis anos, por iniciativa de seu amigo Coelho Neto, a urna contendo os restos mortais de Aluísio Azevedo foi transportada para a capital São Luís, onde então sepultaram definitivamente o escritor.

De acordo com a opinião da maior parte dos críticos, Aluísio Azevedo jamais obteve êxito em realizar a obra-prima almejada. O escritor maranhense teria esgotado toda sua

[4] Expressão possuidora de diversos significados, que assim se podem resumir: designação alternativa, principalmente a partir do século XIX, da disciplina dedicada ao estudo sistemático da literatura; atividade basicamente jornalística, voltada para a apreciação das novidades literárias; prática da análise de obras literárias particulares, distinta da teoria da literatura, na medida em que esta última se interessaria pelo estudo

[5] Termo por que se designa contemporaneamente a disciplina que se ocupa com o estudo sistemático da literatura. Tem sido usado com esse sentido preferencialmente às designações concorrentes – crítica literária, ciência da literatura e poética -, o que se deve à influência e notoriedade do livro de René Wellek e Austin Warren publicado em 1942, intitulado justamente *Teoria da literatura*. A disciplina conhecida por essa designação resultou da convergência de diversas correntes de estudos literários desenvolvidas nas três primeiras décadas do nosso século, correntes muitas vezes rivais entre si, mas identificadas pelo menos em dois pontos básicos: a literatura pode e deve ser objeto de um estudo sistemático, metódico e objetivo – o que se contrapõe à idéia central da crítica impressionista; esse estudo deve partir do principio de que a literatura é, sobretudo uma questão de texto e linguagem, razão por que sua análise deve privilegiar tais elementos e minimizar a importância de fatores extra textuais, como a vida do escritor e os condicionamentos sociais e históricos da obra – o que se contrapõe à idéia central da história da literatura do século XIX, interessada exatamente nos fatores extra textuais.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

imaginação em folhetins e, com isso, legado apenas duas obras de peso: “Casa de Pensão” (1884) e “O Cortiço” (1890).

1.1 Influências e características de sua obra

Resultantes de sua infância e adolescência no Maranhão, são notáveis algumas influências constantes em sua obra:

- A influência da fala lusitana, os hábitos e dialetos portugueses, comuns em “O Mulato”, “Casa de Pensão”, “O Cortiço”, e outras obras, isso porque, na época de Aluísio de Azevedo, o estado de Maranhão era a principal província portuguesa no Brasil, com fortes hábitos coloniais e permanente contato com Lisboa; além disso, Aluísio era filho de portugueses;
- A crítica contra a hipocrisia da sociedade provinciana de sua cidade é resultante da hostilização que seus pais sofreram por não serem casados e viverem juntos. Tal crítica fica nítida em “O Mulato”, onde o autor “se vinga” da sociedade de São Luiz;
- A prática que o autor possuía em retratar facilmente suas personagens, cenas, demonstrando nitidamente todos os traços exteriores. Isso é resultante de sua primeira inclinação às artes plásticas e trabalhos como caricaturista. Suas personagens eram, na maioria, sem profundidade psicológica, o que facilitou a criação de centenas de personagens em seus romances, tornando-os aglomerados de multidão. Aluísio não foi o autor de grandes personagens, pois não se prendia em analisar a fundo as almas de seus personagens, tão menos ingressou pela psicologia Individual, mas limitou-se a lidar com as massas. Em suas obras, são freqüentes os diálogos simples e corriqueiros. A presença de variados estereótipos e aspectos da sociedade da época em sua obra é sempre perceptível: o fidalgo burguês, o português ganancioso, o negro, o mestiço, a luta pela vida num ambiente tipicamente brasileiro. Aluísio Azevedo pode, sem dúvidas, ser considerado como realista objetivo em busca da realidade externa.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

1.2 Bibliografia de Aluísio Azevedo

- Uma Lágrima de Mulher, romance de estréia (1880);
- O Mulato, romance (1881);
- Mistério da Tijuca, romance (1882; reeditado: Girândola de Amores);
- Memórias de um condenado (1882; reeditado: A Condessa Vésper);
- Casa de Pensão, romance (1884); Filomena Borges, romance (publicado em folhetins na Gazeta de Notícias, 1884);
- O Homem, romance (1887); O coruja, romance (1890);
- O Cortiço, romance (1890);
- Demônios, contos (1895);
- A Mortalha de Alzira, romance (1894);
- Livro de uma Sogra, romance (1895).

2 AS ESCOLAS REALISTAS E NATURALISTAS

Conforme explicitado anteriormente, Aluísio de Azevedo é considerado por muitos estudiosos como o responsável pela introdução do realismo naturalista no Brasil.

Em sua obra “O Cortiço”, a presença de “vida” no espaço da história é uma das características mais marcantes da história. Pode-se até mesmo ser considerado o próprio cortiço, com seus inúmeros personagens e intrigas, como protagonista do romance. Analisaremos nas páginas a seguir, alguns trechos que denotam tal característica. Anterior a tal análise, serão expostas algumas bases de estudos quanto aos movimentos de onde é proveniente “O Cortiço”, naturalismo e realismo.

O Naturalismo surgiu como uma espécie de extensão do Realismo. Sendo assim, o Naturalismo toma para si quase todos os princípios do Realismo, tais como o predomínio da

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

objetividade, a observação constante de tipos humanos, a busca da verossimilhança, acrescida de uma visão cientificista da existência, patologias sociais, etc.

Com relação a prosa ficcional, na Europa, o realismo tomou forma em 1857 com a obra "Madame Bovary", de Gustave Flaubert[6], a qual critica duramente a depreciação dos valores da sociedade da época em relação ao adultério feminino questionando também o lado negativo do casamento.

Em tempo, como fazer para reconhecer um texto deste período? Analisar cuidadosamente seus próprios detalhes, a partir do sentido psicológico impregnado a cada indivíduo, retratando a realidade exterior, bem como a interior. AMARAL afirma em seu livro:

> "a investigação da sociedade e dos caracteres individuais é feita de 'dentro para fora', isto é, por meio de uma análise psicológica capaz de abranger toda a sua complexidade, utilizando entre outros recursos a ironia, que sugere e aponta em vez de afirmar".[7]

2.1 O Naturalismo

Há ainda outro francês que também mereceu destaque neste momento singular da literatura francesa: O escritor Émile Zola, considerado como idealizador do Naturalismo, com a publicação, em 1867, de um romance diferente de qualquer outro já publicado anteriormente, no qual o ser humano é analisado minuciosamente, e também os valores morais e sociais da época, sob a luz científica, romance esse que, no entanto, os críticos e a própria sociedade repeliram severamente.

Entretanto, posteriormente, o escritor foi declarado como expoente máximo do movimento com o manifesto literário naturalista "O romance experimental" de 1880.

Ecoado esse manifesto para o Brasil, no mesmo ano do marco inicial do Realismo, em 1881, também se inaugura oficialmente o Naturalismo brasileiro com a publicação da obra "O

[6] Escritor francês que é considerado como um dos maiores romancistas ocidentais. Ele é conhecido, sobretudo, por sua primeira publicação, O romance, Madame Bovary (1857), e por sua arte e estilo únicos.
[7] AMARAL, E. et al. **Novas Palavras**, 2003, p. 157-181 passim.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

Mulato", de Aluísio Azevedo, a qual, com um estilo narrativo inovador para o período, trata do preconceito racial.[8]

Dentre as características que podemos buscar para identificar uma obra da corrente Naturalista, é fácil a percepção do foco nos aspectos exteriores das personagens, em consonância a seus atos, suas descrições físicas, e ao ambiente do qual fazem parte. AMARAL afirma: "a investigação da sociedade e dos caracteres individuais ocorre 'de fora para dentro'; as personagens tendem a se simplificar, pois são vistas como joguetes, títeres dos fatores biológicos e sociais que determinam suas ações, pensamentos e sentimentos" [9]

O naturalismo volta-se para os aspectos biológicos e cognitivos, por entre uma visão mecânica do homem, sujeito às da hereditariedade, às influências do meio social e do ambiente em que vive.

2.2 Introdução do Realismo e do Naturalismo no Brasil

Iniciados oficialmente em 1881, com a publicação de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis[10], obra de caráter ousado do ponto de vista formal, sob uma narrativa não-linear, conduzida pelo defunto Brás Cubas, com tons sarcásticos e irônicos quanto ao ideal burguês de "vencer na vida[11]" (marco do surgimento do realismo), e "O Mulato", de Aluísio Azevedo (marco do surgimento do Naturalismo), e enfraquecidos por volta de 1890, quando floresce o Parnasianismo[12], o advento do realismo e do naturalismo em nosso país ocorre numa data que se tornou simbólica para a literatura brasileira.

---

[8] Ibid. p. 170
[9] AMARAL, E. et al. **Novas Palavras**, 2003, p. 170
[10] Foi poeta, romancista, dramaturgo, contista, jornalista e teatrólogo brasileiro, aclamado como o maior nome da nossa literatura, de forma majoritária entre os estudiosos da área. A obra ficcional de Machado de Assis tendia para o Romantismo em sua primeira fase, mas converteu-se em Realismo na segunda, na qual sua vocação literária obteve a oportunidade de realizar a primeira narrativa fantástica e o primeiro romance realista brasileiro em Memórias Postula de Brás Cubas.
[11] AMARAL, E. et al. **Novas Palavras**, 2003, p. 157-181 passim.
[12] Uma das ramificações da escola realista, de origem francesa. Sua principal características é a busca pela perfeição da linguagem, a preocupação com a forma, a lapidação e o refinamento do texto. Tem Olavo Bilac como seu maior expoente.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

Este movimento tomou forma no Brasil a partir de meados do século XIX. Os escritores brasileiros passaram a escrever sobre a realidade social brasileira, denotando a vida nos cortiços, o preconceito, o preconceito e a exclusão social, entre outros temas. Teve como principal representante Aluísio de Azevedo.

Como mostra Lúcia Miguel Pereira,

> "o ano de 1881 foi dos mais significativos e importantes para a ficção no Brasil, pois que nele se publicaram as Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assim [...] e O Mulato, de Aluísio Azevedo, havia, nesses dois livros de índole tão diversa, um traço comum: em ambos triunfava a observação. Dois escritores patenteavam repentinamente uma liberdade até então desconhecida, e conferiram assim ao romance um novo alcance. Começou-se a escrever para procurar a verdade, e não mais para ocupar os ócios das senhoras sentimentais e de um ou outro cavalheiro dado a leituras frívolas" [13]

A partir de ambos os escritores, podemos, então, esboçar o panorama de nossa ficção ao longo da 2ª metade do século XIX. Enquanto Machado de Assis desenvolve um realismo psicológico e universal, que "sela nossa independência literária", a partir das Memórias póstumas..., consolidando-a em outras obras de sua maioridade literária, tais como Dom Casmurro e Quincas Borba, Aluísio Azevedo torna-se o líder da presença do estilo naturalista entre nós.

2.3 Contexto Histórico

O Realismo e Naturalismo no Brasil são frutos da crise criada gerada com a queda da economia açucareira, o aumento significativo do prestígio dos estados do sul e o descontentamento da classe burguesa, então em ascensão na época, facilitando a adoção dos ideais abolicionistas e republicanos.

No Brasil, época de 1840 a 1889, enquanto D. Pedro II escolhia o representando para o cargo de primeiro-ministro, com a conivência do Partido Liberal e do Conservador, em uma

[13] PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura brasileira. Prosa de ficção (de 1870 a 1920),** 1973, p.142).

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

espécie de "parlamentarismo às avessas", o povo brasileiro ignorava tais decisões governamentais, preocupando-se com a sobrevivência imediata do dia-a-dia. Eis o porquê da tão comentada "tranqüilidade política" do período: liberais e conservadores, que a monarquia habilmente encaminha, revezam-se no poder, sempre de acordo com os interesses da oligarquia agrária.

Em vista a economia brasileira, nosso país, ao longo da 2ª metade do século XIX, possui uma estrutura socioeconômica baseada no setor latifundiário, na monocultura da exportação, a esta altura já voltada para a produção de café, e na mão-de-obra escrava.

Assim é a oligarquia agrária quem "dá as cartas" na economia e na política do país, embora pressões internacionais visando ao desenvolvimento do capitalismo industrial encaminhem-se no sentido da modernização do país, que se faz com lentidão.

Porém, por volta de 1870 um conjunto de fatos, diretamente ligados à referida modernização, começa a desestabilizar o panorama apresentado: o tráfico negreiro é proibido, aumenta a mão-de-obra imigrante, desenvolve-se a indústria cafeeira no interior de São Paulo, constroem-se ferrovias, crescem cidades concentradoras de fábricas. Nelas se forma uma classe média urbana, insatisfeita com a falta de representatividade política.

Essa classe, sem espaço no esquema de revezamento dos partidos Liberal e Conservador, no poder, apóia-se, então, no exército e aceita a liderança dos cafeicultores paulistas, responsáveis pela introdução do trabalho assalariado no país e defensores de mudanças estruturais, como a substituição da monarquia, desgastada e reacionária, pela república.

Os Partidos Republicanos, fundados em 1870, tinham como principal luta, a troca do trabalho escravo pela mão-de-obra imigrante. Nesse meio, os ideais de intelectuais como Comte[14], Spencer[15], Darwin[16] e Haeckel[17] conquistaram a classe intelectual brasileira que

[14] Augusto Comte: Professor de matemática, fundador do "positivismo". Movido pela vontade de estar à altura da intelectualidade, insolente plagia de Saint -Simon a célebre lei dos três estados, segundo a qual o espírito humano passa sucessivamente pela idade teológica, pela idade metafísica e, finalmente, pela idade positiva, na qual não conhece nenhuma verdade diferente das verdades esclarecidas pela ciência. Dentre outras aberrações das teorias de Comte, destaca a que o homem é superior à mulher, e esta deverá sempre ocupar uma posição subordinada na sociedade, a raça branca é superior às raças de cor, só um pequeno número de indivíduos, que formam a escola, são capazes de ascender à vida intelectual.

[15] Spencer: Filósofo inglês e um dos representantes do positivismo. É dele a expressão "*sobrevivência do mais apto*", e em sua obra procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana. É considerado o "pai" do

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

passaram então a dedicar-se também ao espírito cientificista, deixando a parte os ideais espiritualistas do Romantismo[18]. Todos se voltam para explicar o universo através da Ciência, seguindo os movimentos do positivismo[19], o darwinismo, o naturalismo e o cientificismo. O grande percussor dessa linha de pensamento foi Tobias Barreto[20], professor da Escola de Recife e seguidor dos ideais de Augusto Comte.

Entretanto, proclamada em 1889, a república viria a frustrar as ambições da classe média e também das forças armadas: os representantes das oligarquias de São Paulo e de Minas Gerais passam a controlar o estado brasileiro, por meio de uma aliança política conhecida como Política dos Governadores ou política do café-com-leite.

Em conclusão, os conflitos não se resolvem: por um lado o Brasil é um país de idéias liberais, republicanas, "modernas" e, por outro, convive com a "humilhação" de uma estrutura econômica co-política oligárquica, agrária, coronelista e latifundiária.

2.3.1 O Determinismo

Darwinismo social, embora jamais tenha utilizado o termo. Com base em suas idéias, alguns autores procuraram justificar a divisão da sociedade em classes e o europeu, sugerindo que estes seriam exemplos de seleção natural.

[16] Charles Darwin: Naturalista de origem britânica que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural.

[17] Haeckel: Médico e um artista versado em ilustração que se tornaria professor em anatomia comparada. Foi dos primeiros a considerar a psicologia como um ramo da filosofia. Propôs alguns termos utilizados freqüentemente como filo e ecologia. Os seus principais interesses recaíram nos processos evolutivos e de desenvolvimento e na ilustração cientifica.

[18] O Romantismo foi um movimento artístico e filosófico surgido nas últimas décadas do século XVIII na Europa que perdurou durante grande parte do século XIX. Caracterizou-se como uma visão de mundo contrária ao racionalismo que marcou o período neoclássico e buscou um nacionalismo que aparentemente se perdera. Inicialmente apenas uma atitude, um estado de espírito, o Romantismo toma mais tarde a forma de um movimento e o espírito romântico passa a designar toda uma visão de mundo centrada no indivíduo. Os autores românticos voltaram-se cada vez mais para si mesmos, retratando o drama humano, amores trágicos, idéias utópicos. Se o século XVIII foi marcado pela objetividade, pelo Iluminismo e pela razão, o início do século XIX seria marcado pelo romantismo, pela subjetividade, pela emoção e pelo eu.

[19] Positivismo: doutrina que consiste, objetivamente, na completa negação da filosofia, ou seja, não deve apresentar um corpo próprio de saber.

[20] Filosofo, poeta, critico e jurista brasileiro e fervoroso integrante da Escola de Recife (movimento filosófico de grande força calcado no monismo e evolucionismo europeu). Foi o fundador do condoreirismo brasileiro e patrono da cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

Organizado por Hypolyte Taine, sugere que o comportamento humano seja determinado por forças biológicas (o instinto, a herança genética), sociológicas e ambientes (ecologia, meio social), e históricas. Tudo, inclusive a arte, é produto do meio, a raça e do momento histórico.

Todos os fatos psicológicos e sociais são manifestações naturais que nada têm de transcendência. As circunstâncias externas determinam rigidamente a natureza dos seres vivos, inclusive do homem; nem a razão nem a vontade escapam desse condicionamento.

Toda a realidade passa por um processo evolutivo, dentro de um sistema de leis naturais absolutamente definidas.

Segundo Taine, todas as ações humanas são determinadas por variáveis biológicas. Ou seja, as suas vontades não são livres, tendo por determinante o aspecto racional e espontâneo do sujeito, e sim conseqüência de mecanismos biológicos.

O determinismo surge na perspectiva em que os narradores criam suas personagens. A neutralidade, suposta, não oculta o fato do autor sempre carregar com tons obscuros, o destino de suas personagens.

Seguindo a linha de raciocínio dessa teoria, se um indivíduo nasceu pobre, irá morrer pobre; sempre empregado, jamais patrão; filha de prostituta será sempre outra prostituta. Teoria radical que encontramos explícita em praticamente todas as passagens da obra "O Cortiço".

Destaca entre, outros fatores, a concorrência constante entre os indivíduos como base da transformação social.

Dentre os vários exemplos possíveis de se encontrar na obra, que seguem essa teoria, podemos citar a concorrência descabida e exacerbada entre João Romão e Miranda:

> "Travou-se então uma luta renhida e surda entre o português negociante de fazendas por atacado e o português negociante de secos e molhados..." [21]

2.3.2 O Positivismo

[21] Azevedo, Aluísio. **O Cortiço** [São Paulo] Klick Editora [1997] p. 19

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

Designa-se a doutrina de Augusto Comte, que abrange vários campos, da Teoria do Conhecimento à Sociologia, e caracteriza-se pela orientação cientificista que deu ao pensamento filosófico, atribuindo à constituição e ao processo da ciência positiva importância capital para o processo de qualquer província do conhecimento.

Comte fala a respeito das transformações exercidas na sociedade através de desígnios necessários para reformá-la, elevando-a a uma etapa positiva. Deve-se fazer experiência, comparação e observação. Para diminuir os problemas da sociedade na época, deveria também ser realizada uma reorganização de crenças e costume. Assim sendo, a estrutura familiar, os valores sociais e a educação seriam fundamentais para o êxito dessa teoria.

É possível notar, em alguns trechos da obra "O Cortiço", algumas das características positivistas, citando, por exemplo, a preocupação de Jerônimo em manter sua filha em um colégio, a fim de que ela tivesse melhores chances de vida.

> "... E, defronte do cabedeiro de querosene, conversavam sobre a sua vida e sobre a sua Marianita, a filhinha que estava no colégio e que só os visitava aos domingos e dias santos". [22]

2.4 Diferenças entre o Realismo e o Naturalismo

- **Realismo**

- Presença notável do estilo literário de Flaubert (França);

- Romance documental, baseado na observação e análise de fatos;

- A análise social e do meio humano (personagens individuais) é feita "de dentro para fora", através da observação psicológica capaz de abranger sua complexidade, com traços de ironia, que induz a dedução, ao invés de afirmar;

[22] Ibid, p. 130

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

- Torna-se para a psicologia, tendo direcionando foco no indivíduo;

- As obras denotam e criticam as classes superiores, a burguesia urbana e, normalmente, os personagens pertencem a tal classe social;

- Como há um tratamento imparcial e conciso quanto aos temas, a garantia ao leitor de um espaço de interpretação, de elaboração de suas próprias conclusões a respeito das obras é assegurada.

- **Naturalismo**

- Influência literária de Émile Zola (França);

- Romance de experimentos, fundamentado na experimentação e observação científica;

- A análise da sociedade e dos caracteres individuais é feita "de fora para dentro"; a tendência dos personagens é de se simplificarem, pois são "utilizados" como marionetes, pacientes dos fatores históricos, sociais e biológicos que determinam suas ações, sentimentos e reflexões;

- Torna-se para a biologia e a patologia, focando-se mais no social;
- As obras denotam as camadas inferiores, o proletariado, os marginalizados e, normalmente, os personagens são frutos dessas classes sociais mais baixas;

- o tratamento dos temas, baseado em um ângulo determinista, delimita as conclusões do leitor, empobrecendo assim, a literatura desses textos.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

3 O ESPAÇO COMO PERSONAGEM NA OBRA "O CORTIÇO"

Encontramos, na obra, dois espaços explorados: O primeiro é o cortiço, amontoado de casas de baixíssima qualidade e muito mal-arranjadas, onde os pobres convivem. Esse espaço é a representação da miscigenação e da promiscuidade das classes menos favorecidas. É um organismo vivo. Junto a ele, o cortiço, estão a pedreira e a taverna do português João Romão, também dono do cortiço.

O segundo espaço, localizado ao lado do cortiço, é o sobrado do aristocrata e comerciante Miranda e também de sua família. O sobrado é a representação da burguesia ascendente do século XIX.

Esses espaços fictícios são situados no bairro de Botafogo, denotando a exuberante natureza local como meio diretamente influenciador das personagens. Assim sendo, o sol escaldante do litoral americano age como elemento corruptor do homem local.

3.3 O Espaço

De acordo com alguns gramáticos literários, a noção de espaço deve ser considerada como uma totalidade. No entanto, seja através de análises, seja através de observações, é possível dividir esse espaço em partes e reconstruí-lo depois. Tal divisão deve ser feita segundo uma gama de princípios, dentre os quais, os elementos do espaço são os que mais se destacam.

Elementos do espaço seriam as personagens, as firmas, residências, o meio ecológico e as infra-estruturas. No caso da obra em estudo, temos como espaço principal o cortiço, rodeado por micro-espaços que seriam seus habitantes, cada um com suas características e particularidades, diretamente afetados pelo espaço central. Os homens, então, são elementos do espaço, seja na qualidade de trabalhadores, visitantes, moradores ou afins. A função primordial das firmas ou semelhantes é a produção de bens, serviços e idéias. As instituições, sejam elas físicas ou não, regulamentam as normas, ordens e legitimações. Em o cortiço, pode-se mesmo afirmar que João Romão, além de homem como micro-espaço, pode ser visto como uma instituição. O meio

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

ecológico representa um conjunto de áreas territoriais que formam a base física do trabalho humano. Finalmente, as infra-estruturas são representadas pelo trabalho humano materializado e constituído na forma de casas, caminhos, etc.

A explicitação das funções dos elementos do espaço denota que eles são, de certa forma, intercambiáveis, ou seja, podem ter suas posições trocadas devido a um eixo de semelhança existente entre eles, e redutíveis uns aos outros. E conforme os elementos do espaço se tornam mais intercambiáveis, suas relações tornam-se também mais íntimas e muito mais prolongadas. Assim, a idéia de espaço como uma totalidade se torna mais evidente.

Na obra alvo desse estudo, percebemos a nítida diferenciação socioeconômica de alguns personagens centrais. Tal diferenciação não foi feita ao acaso: Ela denota a distribuição espacial e aplicação dos personagens junto ao enredo, e em particular, ao espaço.

Por haver tal discernimento de localização espacial dos personagens, cabe aqui uma breve explicitação sobre o que é o "espaço social".

O espaço social é constituído de tal forma que os personagens são distribuídos nele em função da sua posição nas distribuições estatísticas, seguindo dois princípios de diferenciação: o capital econômico e o simbólico. Na primeira dimensão, os personagens se organizam de acordo com o volume do capital que dominam, na segunda, de acordo com a estrutura do seu capital. Em paralelo, no capital econômico, aqueles que possuem maior volume de capital opõem-se aqueles mais desprovidos, mas, contudo, do ponto de vista do capital simbólico, tal oposição não é tão relevante, podendo ainda mesmo não ser tão lógica. Pierre Bourdieu usa como exemplo o caso dos professores, que tendo esses um capital econômico não tão elevado, são, ou devem ser, detentores do capital simbólico.

O espaço condizente às posições sociais é compreendido assim em um espaço de posicionamento por meio dos hábitos – ou disposições -, pois cada classe de posições é diretamente correspondente à outra classe de hábitos resultantes de condicionamentos sociais relacionados à condição correspondente. Como as posições, retratando as características inerentes e relacionais de uma posição em um estilo de vida único - são diferenciados, mas, também dissonantes, isto é, criadores de distinções. As diferenças nas próprias práticas, opiniões, bens

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

possuídos, transformam as diferenças simbólicas e formatam-se, elas mesmas, em uma linguagem exclusiva.

A teoria de distinção nos remete a uma compreensão de um termo de relevo denotando a noção de que estar no espaço é ser um ponto, é diferir, ser distinto, significar, portanto. Formular o espaço social que caracteriza as práticas e representações dos personagens nos possibilita a elaboração de classes teóricas, mais homogêneas possíveis, em consonância com as práticas e disposições. Assim, unem-se propriedades determinantes que nos permitem deduzir outras propriedades diferindo e classificando personagens tão semelhantes quanto possível entre eles e, assim, o mais diferente possível de membros de outras classes. O espaço social define distâncias e proximidades que são preditivas de encontros, afinidades e simpatias.

A presença das classes é questão feita por lutas e negar que elas existem, as classes, seria negar a existência de diferenças. Por fim, as classes sociais não existem, de modo que o que existe é sim um espaço social de divergências, onde o termo classe é tão somente virtual. Sendo assim, o espaço social abrange-nos como se fossemos pontos em um eixo comum, pois a diferença existe, persiste e é ela que, em tese, nos permite o reconhecimento das variantes e invariantes.

Em acordo com tal definição, fica deveras simples, ao leitor que já leu a obra “O Cortiço”, entender como está representado na mesma o espaço. Sendo protagonista da história o próprio cortiço, conforme já falado, detentor então das classes sociais mais inferiores, e que somadas todas, denotam o organismo vivo que é o próprio cortiço, bem como os casarões e palacetes que completam, de forma personificada, o espaço, representando as classes sociais mais elevadas.

Nesse ínterim, se destaca João Romão, que proveniente de um espaço economicamente desprovido, ergue o cortiço, através do qual, consegue galgar para uma situação econômica mais confortável, o que lhe rende um espaço social econômico muito mais elevado. Por outro lado, o próprio cortiço, por João Romão construído, também galgou novos patamares: Antes “alimentado” por pés rapados; ao final da história, a avenida [vila] segue em busca de novas e mais elevadas camadas sociais.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

Deve-se, contudo, ao analisar qualquer obra literária que seja, tomar-se o cuidado de não confundir o espaço com a ambientação. A seguir, uma breve diferenciação entre ambos.

3.1.2 Espaço e ambientação

É comum, em qualquer que seja a história, haver uma mescla entre o espaço e a ambientação, afinal, ambos estão intrinsecamente ligados, completando um ao outro, porém, por ambientação, devemos entender como sendo o conjunto de processos conhecidos e possíveis, destinados a criar, na narração, a idéia ou noção de um determinado ambiente; já para aferir espaço, levamos em conta nossa experiência do mundo.

Em mais claras palavras: na medida em que não se deve confundir espaço com ambientação, para fins de análise, é necessário certo nível de conhecimento literário do leitor a fim de que o espaço puro e simples (um quarto, uma sala, uma rua, barzinho ou qualquer outro lugar por assim dizer) seja entrevisto em um quadro de significados mais complexos, participantes estes da ambientação. Em outras palavras ainda: o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é explícito; o segundo é implícito. O primeiro contém dados de realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica.

3.2 Análise do espaço como personagem na obra

O Cortiço, obra em que os personagens com características individuais são substituídos por personagens que representam vários estereótipos humanos de forma coletiva, tem como espaço o Rio de Janeiro, mais especificamente falando, um cortiço na cidade do Rio de Janeiro.

Neste exemplo notável do naturalismo brasileiro, percebemos como o autor se preocupou, ao escrevê-lo, em fugir do sumarismo[23], diagnósticos sociais que não foram afetados por teorias já prontas.

[23] Escrever de forma breve, resumida, sintética. Sem formalidade alguma.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

No decorrer da história, João Romão, um tipo carioca de self-made man[24], em sua ascensão, podemos entender não os dilemas existenciais decorrentes de sua brutalidade e coisificação, já que não se trata de obra de realismo psicológico, mas o processo pelo qual essa brutalidade se impõe e encontra espaço no alto da pirâmide capitalista, que assim se desnuda aos olhos do leitor em alguns de seus movimentos essenciais, e também em algumas de suas conseqüências humanas inevitáveis.

A seguir, temos dois trechos em que a participação do espaço na narração é altamente personificada.

1º Trecho:

> "Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.
>
> Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.
>
> A roupa lavada, que ficara de vésperas nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário.
>
> As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azulada pelo anil, mostrava uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.
>
> Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte, começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinha choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas.[25]"

Temos nesses três parágrafos, uma representação clara de como o espaço, somado a narrativa da ambientação, transforma um lugar (espaço) antes inanimado, em um "ser" vivo.

[24] Do inglês, homem auto suficiente
[25] Azevedo, Aluísio. **O Cortiço** [São Paulo] Klick Editora [1997] p. 43-4

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

Conforme já visto anteriormente, pode-se notar também a presença de micro-espaços rodeando o espaço central, o cortiço. Nesse trecho em especial, os micro-espaços são representados pelos habitantes do cortiço, que através de suas atitudes, colocadas em segundo plano, somam suas "vidas" em uma única, animando assim o cortiço.

A utilização de alguns recursos de linguagem, os quais analisaremos a seguir, é de um caráter único e imprescindível para que tal fato, a protagonização do cortiço, fosse possível.

> "Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas."

A prosopopéia ou personificação[26], que se trata do aferimento de características humanas a outros seres, é clara no primeiro parágrafo, onde ao afirmar que "cortiço acordava, abrindo não os olhos, mas suas alinhadas janelas e portas" o autor nos remete a imagem de um imenso gigante, que após uma noite de sono, desperta.

A ambientação contida nesse parágrafo é explícita em seu final, onde, através de uma hipérbole[27] (linguagem conotativa), o autor transmite ao seu leitor a extensão do espaço do cortiço: "sua infinidade de portas e janelas alinhadas."

Somente nessas duas linhas, é possível compreender a importância e relevância que o cortiço tem para com história, como sendo seu principal espaço.

Conforme lemos no primeiro capítulo, uma das características do naturalismo e realismo é a troca de personagens únicos, aqueles que têm importância significativa para a narração e desenvolvimento do enredo e espaço, por personagens coletivos, onde os mesmos atuam como exemplos gerais, fazendo apenas parte do espaço em que vivem e, a exemplo da obra aqui estudada, sofrendo forte influência do espaço em que vivem. Daí a complexidade dessa obra, uma vez que temos o cortiço como espaço criado por seus personagens e ao mesmo tempo temos os personagens moldados conforme a evolução do espaço.

Já no segundo parágrafo temos:

[26] Figura de pensamento através da qual fazemos os seres inanimados ou irracionais agirem e sentirem como pessoas humanas. É um precioso recurso de expressão poética.
[27] Outra figura de pensamento. Trata-se de uma afirmação exagereada que visa a um efeito expressivo.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

> "Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia."

Aqui, novamente as personagens que habitam o cortiço são colocadas a lado e todo o foco narrativo permanece nas "ações" do cortiço em si, como personagem. Novamente a prosopopéia é marcante, onde lemos "*um acordar alegre e farto de quem dormiu*...**"** seguida outra figura de linguagem altamente utilizada na literatura, a metáfora[28], "*... sete horas de chumbo*...**"**

O autor transforma aqui, todos os habitantes do cortiço em uma única unidade: O cortiço. E as ações pertinentes a seus moradores são diretamente transferidas, como em um coletivo, ao espaço cortiço. Com esse recurso, Aluísio de Azevedo talvez buscasse mostrar a seus leitores que, de acordo com o espaço social em que se vive, um grupo selecionado de personagens está suscetível a sofrer as mesmas influências e agir como se fossem todos iguais, de forma homogênea.

A seguir, nos dois próximos parágrafos, temos:

> "A roupa lavada, que ficara de vésperas nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário.
>
> As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azulada pelo anil, mostrava uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas."

Onde o autor, alterando completamente de linguagem narrativa, onde uma seqüência, linear ou não de fatos é relatada, para uma linguagem essencialmente descritiva, através da qual, a ambientação do espaço torna-se mais ampla. É como se o autor parasse a seqüência de acontecimentos de acontecimentos, a narração, em um determinado ponto e se detivesse focando em um único lugar, no caso em específico, os quintais do cortiço, com o intuito de enfatizar, mais ainda, o espaço de sua obra.

[28] Figura de pensamento que trata do desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

Após, no último parágrafo exposto, temos:

> "Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte, começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinha choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas."

E eis aqui o que podemos visualizar como fechamento nobre desse trecho: O cortiço, até então estático, sem movimento, apenas em sua ação humana de despertar, ganha, definitivamente, vida. Sons diversos, bocejos, crianças correndo ou chorando, o aroma do café, risos, grasnar de marrecos, galos e galinhas que se unem, através de seus sinais, a todo esse organismo vivo central, espaço, agora em movimento, que é o cortiço.

Nota-se que o autor, mais uma vez, não se deteve em um ou outro personagem, nomeando-o, destacando-o ou dando a ele um papel maior em toda essa história; o autor permanece observando e narrando seus personagens como seres coletivos, dos quais, as ações acabam sendo interpretadas como se do cortiço. Temos aqui, mais uma notória figura de linguagem, a metonímia[29], onde o espaço é entendido através da ação de seus personagens.

Após análise minuciosa desse breve trecho, podemos identificar também algumas características que denotam as teorias a respeito de espaço, micro-espaço, ambientação e também espaço social, como segue:

O espaço aqui é apresentado como o interior do cortiço, através de sua descrição física e detalhamento de locais e objetos específicos;

Os micro-espaços representam-se por seus habitantes, seus hábitos e suas descrições;

A ambientação está notoriamente presente através da narração linear do "despertar" do cortiço e a seqüência de ações e sons que nele acontecem; por último,

[29] Figura de linguagem que consiste em usar uma palavra por outra, com a qual se acha relacionada.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

O espaço social fica aqui também representado pelas pessoas, mas dessa vez com foco em sua posição social, uma vez que habitantes de um cortiço, sua relevância é vista como um coletivo, sem necessidade constante de focar uma ou outra personagem.

2º Trecho:

> "Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas."[30]

O trecho acima é um notório exemplo do cuidado em que o autor teve em nos mostrar o cortiço não somente como um espaço qualquer onde histórias acontecem; ele é mostrado como um organismo vivo, que se apropria das características e ações daqueles em que vivem em seu meio e as denota como sendo ações suas. A degradação social, a pobreza, a promiscuidade, a perversão sexual e outros fatos são conseqüências desse meio. Tal apropriação de atitudes e ações, somente foi possível através de recursos feitos pelo autor, como por exemplo, a utilização de uma linguagem dinâmica, que revela a vivacidade do espaço, além da utilização de verbos referentes a animais (zoomorfização[31]) para caracterizar homens e mulheres.

3.3 A influência do espaço sobre os personagens

[30] Azevedo, Aluísio. **O Cortiço** [São Paulo] Klick Editora [1997] p. 69
[31] O ser humano é visto e retratado como animal, sob vários aspectos. Ex.: Ele comia feito um porco.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

No trecho a seguir, temos um exemplo de como a influência do espaço é capaz de influenciar no caráter das pessoas ligadas a ele:

> "Por outro lado, Jerônimo empregara-se na pedreira de São Diogo, onde trabalhava dantes, e morava agora com Rita numa estalagem da Cidade Nova..."
>
> "A primeira parte de sua lua-de-mel foi uma cadeia de delícias contínuas, tanto ele quanto ela, pouco ou nada trabalharam..."
>
> "...foi um prazer prolongado e amplo, bebido sem respirar, sem abrir os olhos, naquele colo carnudo e dourado da mulata, a que o cavouqueiro se abandonara, como um bêbedo que adormece abraçado a um garrafão inesgotável de vinho gostoso.
>
> Estava completamente mudado, Rita apagara-lhe a última réstia das recordações da pátria..."
>
> "O Português abrasileirou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-se-lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro..." [32]

Na leitura desses trechos, temos parte da história de Jerônimo e Rita, a princípio moradores do cortiço, onde se conheceram e se apaixonaram, e por ocasião de seu casamento, mudaram-se para outra casa, conforme lido.

Chama a atenção do leitor, a mudança completa que Jerônimo, português, que chegara ao Brasil e instalara-se no cortiço, cheio de ambições, caráter rígido e estrito desejo de enriquecer, sofreu, pouco a pouco, desde o momento em que passou a morar no cortiço. O que antes era estranhamento pelos hábitos dos moradores, passou a tornar-se fascínio; o desprezo direcionado às mulheres, por seus hábitos promíscuos, tornou-se admiração por Rita, visto que tudo aquilo, naquele espaço, era completamente normal. Assim, todo o caráter de Jerônimo foi remodelado de acordo com os costumes do cortiço e, mais ainda, em consonância com sua admiração por Rita.

Em uma das histórias desenvolvidas no livro, encontramos também um exemplo nítido de que como o meio, o espaço, pode influenciar um a personagem. Trata-se da história de Pombinha, que a princípio era uma menina pueril, apesar de seu corpo já desenvolvido, e que

[32] Azevedo, Aluísio. **O Cortiço** São Paulo Klick Editora 1997 p. 149-50

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

sofria constantes assédios homossexuais de uma outra personagem, Léonie. Conforme o desenvolver da história, o caráter de Pombinha sofre grandes modelações, não só por seu casamento ter acabado, mas principalmente por viver em um ambiente degradante. Sofre ela tais modelações a ponto de ter seu final ao lado de Léonie, preparando para tornar-se uma prostituta. Apesar de tudo, vemos que o autor não chama nossa atenção exclusivamente para essas personagens, mas sim como elas vivem e se comportam em função do meio e como podem ser modeladas pelo mesmo.

3.4 A humanização do espaço

Para finalizar esse trabalho acerca da relevância do espaço, como personagem, em o cortiço, será transmitido aqui, ao leitor, um apanhado de trechos do livro onde pode-se acompanhar o crescimento, desenvolvimento, amadurecimento e por fim "envelhecimento" do espaço, o cortiço. Tal enumeração de trechos tem por fim, concluir a apresentação de argumentos que explicitam a visualização do espaço nessa obra, não somente como uma mera localização geográfica ou limitada ao início da ambientação; e sim sua humanização, que assim como nós, homens, nasceu, desenvolveu-se, cresceu e por fim, amadureceu, atingindo a "idade adulta".

Temos a seguir alguns trechos nos quais é possível perceber tal evolução.

3.4.2 O Planejamento:

> "...Uma estalagem em um ponto enorme, uma estalagem monstro, sem exemplo, destinada a matar toda aquela miuçalha de cortiços que alastravam por Botafogo..."[33]

3.4.3 A Formação:

> "... arrematava madeiramento já servidos; comprava telha em segunda mão; fazia pechinchas de cal e tijolos, o que era tudo depositado no seu extenso chão vazio, cujo aspecto tomava em greve o caráter estranho de uma barricada, tal era a variedade de objetos que ali se

[33]Azevedo, Aluísio. **O Cortiço** [São Paulo] Klick Editora [1997] p. 20-21

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

apinhavam acumulados: tábuas e sarrafos, troncos de árvore, mastros de navio, caibros, restos de carroças, chaminé de barro e de ferro, fogões desmantelados, pilhas e pilhas de tijolos de todos os feitios, barricas de cimento, montes de areia e terra vermelha, aglomerações de telhas velhas, escadas partidas, depósitos de cal..."[34]

3.4.4 O Nascimento:

"... as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem..."; "... as casinhas continuaram a surgir, uma após outra, e fossem logo se enchendo, a estenderem-se unidas por ali afora, desde a venda até quase ao morro, e depois dobrassem para o lado do...";

"Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem." [35]

3.4.5 O Desenvolvimento:

"E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas...

"E naquele terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhoca, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco."

"E durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente." [36]

3.4.6 A Maturidade:

"... Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas."

"Da casinha número 8 vinha um falsete agudo, mas afinado."

"No número 7, neném cantarolava em tom muito mais baixo; e de um dos quartos do fundo da estalagem saía de espaço a espaço uma nota áspera de trombone."

[34] Ibid. p. 22

[35] Azevedo, Aluísio. **O Cortiço** [São Paulo] Klick Editora [1997] p. 20-81 passim
[36] Ibid p. 9-20 passim

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

"Amanhecera um domingo alegre no cortiço, um bom dia de abril. Muita luz e pouco calor."

"E todo o cortiço ferveu que nem uma panela ao fogo."

Pombinha menstruada "O fato abalou o coração do cortiço"

"... o cortiço já não era o mesmo; estava muito diferente; mal dava idéia do que fora. O pátio... estreitara-se com as edificações novas; agora parecia uma rua, todo calçado por igual e iluminado por três lampiões grandes, simetricamente dispostos.

"Já lá não se admitia assim qualquer pé rapado; para entrar era preciso carta de fiança e uma recomendação especial."

"O cortiço aristocratizava-se".

"A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada..." [37]

Conclusão

Ao final da presente análise podemos concluir que o cortiço, como um organismo biológico vivo, e ao mesmo tempo sendo o espaço de todo desenrolar da história e seus personagens, é complacente do que se pode chamar de "evolucionismo social". Pois foi crescendo, de dentro para fora, através de suas histórias e seus personagens, desde um amontoado de casas, chegando ao nível de vila, avenida. Assim como o personagem central da história, João Romão, que de mero ajudante de uma venda, cresceu, também às custas do cortiço e seus personagens. Percebemos assim, a significância do espaço como personagem, presente na obra "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo.

[37] Ibid,p.21-175 passim

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

Dentro do naturalismo, o clássico se apresenta como uma obra extremamente rica em seus preceitos, e em particular, seu espaço difere-se de qualquer outro até então representado nos movimentos realistas e naturalistas, isso porque seu autor atribuiu ao espaço características, até então, exclusivamente humanas, permitindo com que personagens simples, que representam baixa sociedade da época de forma coletiva, tivessem seu caráter conduzido e mesmo alterado, de acordo com os atributos do meio (espaço) em que vivem, além de descrever com perfeição os ambientes, utilizando-se não somente de características visuais, mas também aferindo ao espaço características pertinentes a todos os outros sentidos humanos. A partir disto, comprova-se que Aluísio de Azevedo e sua obra "O Cortiço" tornaram-se ícones da cultura brasileira, não obstante, aquele exerceu grande influência sob os escritores procedentes a ele, com sua até então singular forma de descrição. Eis aqui o porquê de Aluísio de Azevedo ser considerado o autor que instituiu o movimento naturalista, em seguimento ao realismo, no Brasil.

Conclui-se que, após esmiuçar o romance, é possível relacionar algumas das várias características que possibilitam denotar o espaço não somente como lugar físico ou cenário, mas sim como um organismo vivo.

Alguns peritos julgam o espaço da obra como seu personagem principal, haja vista seu alto poder de persuasão e transformações evolutivas que sofre durante todo o enredo, ações essas cuidadosamente expostas e analisadas neste trabalho.

Bibliografia

AURÉLIO, B.H.F. **Novo Aurélio:** O Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

AMARAL, E. et. Al. **Novas Palavras.** 2ª ed. São Paulo: FTD, 2003.

AZEVEDO, Aluisio. **O Cortiço**. 33ª Ed. São Paulo: Klick, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 1ª Ed.São Paulo: Cultrix, 1970.

REVELA
Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X

CÂNDIDO, A.; CASTELLO, J.A. **Presença da Literatura Brasileira das origens ao Realismo:** História e Antologia. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Minigramática da Língua Portuguesa**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005

COELHO, Jacinto do Prado. **Dicionário de Literatura**. 3ª Ed. Porto: Figueirinhas, 1979. (2 volume).

COUTINHO, Afrânio**. A literatura no Brasil**. 6ª Ed. Global, 2002.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance.** 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1994

MAIA, João. **Novo Ensino Médio**. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2000.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária.** 19ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura brasileira. Prosa de ficção (de 1870 a 1920).** 1ª Ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1973